

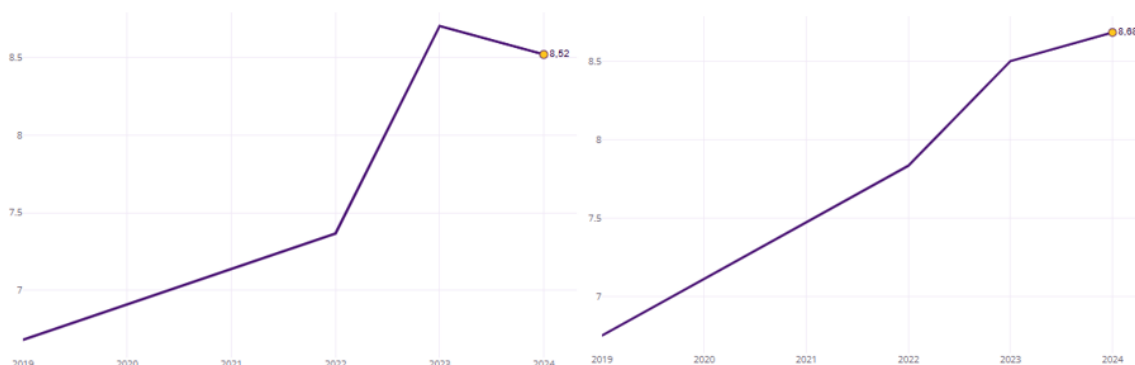
Participação, educação e qualidade da inserção produtiva: avanços estruturais e desafios persistentes para as mulheres

Emerson Braz

Os indicadores apresentados revelam um processo consistente de ampliação da participação feminina na educação técnica e no mercado de trabalho, acompanhado por melhora dos rendimentos reais e redução da informalidade, mas ainda com desafios importantes. Em conjunto, as séries sugerem que a inserção produtiva das mulheres não está ocorrendo apenas em termos quantitativos, mas também apresenta sinais de melhoria qualitativa. Ainda assim, os dados também evidenciam desafios importantes relacionados à consolidação desses avanços e à sua transformação em trajetórias duradouras de mobilidade social, redução das desigualdades e fortalecimento das capacidades produtivas da economia.

O primeiro conjunto de indicadores refere-se à participação de estudantes do ensino médio em cursos técnicos de nível médio ou normal. Entre os homens, o percentual atingiu 8,52% em 2024, após pequena retração de 2,11% em relação ao ano anterior. Apesar da queda recente, a trajetória de médio prazo permanece positiva: o indicador partiu de 6,68% em 2019 e alcançou seu pico em 2023, com aproximadamente 8,70%. Entre as mulheres, o comportamento é ainda mais favorável. O percentual alcançou 8,68% em 2024, o maior valor da série, com crescimento de 2,16% em relação ao ano anterior.

Comparação da evolução da porcentagem de estudantes do ensino médio em cursos técnicos de nível médio ou normal – homens e mulheres entre 2019 e 2024

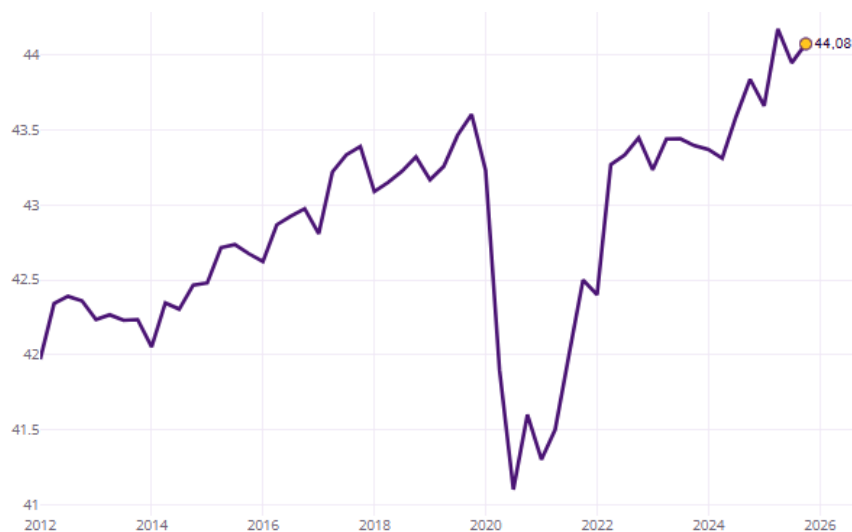


Fonte: IPEADATA | Elaboração: RISO

A comparação entre os dois grupos é particularmente relevante. Em 2019, os percentuais eram muito próximos, mas a evolução recente mostra que as mulheres passaram a apresentar participação ligeiramente superior na educação técnica. Embora a diferença seja pequena, ela sugere uma tendência importante atrelada a expansão da qualificação feminina, o que amplia as possibilidades de inserção em ocupações mais produtivas e potencialmente mais bem remuneradas entre as mulheres.

Essa expansão da formação técnica ocorre simultaneamente ao crescimento da ocupação feminina. O indicador de mulheres ocupadas atingiu 44,08% em outubro de 2025, o maior valor de toda a série observada. Houve crescimento de 0,54% em relação ao mesmo período do ano anterior, consolidando uma trajetória ascendente iniciada após a forte interrupção observada em 2020. A recuperação posterior não apenas compensou a perda ocorrida naquele momento, como levou o indicador a patamares superiores aos observados anteriormente.

Nível de Ocupação – Mulheres entre 2012 e 2026

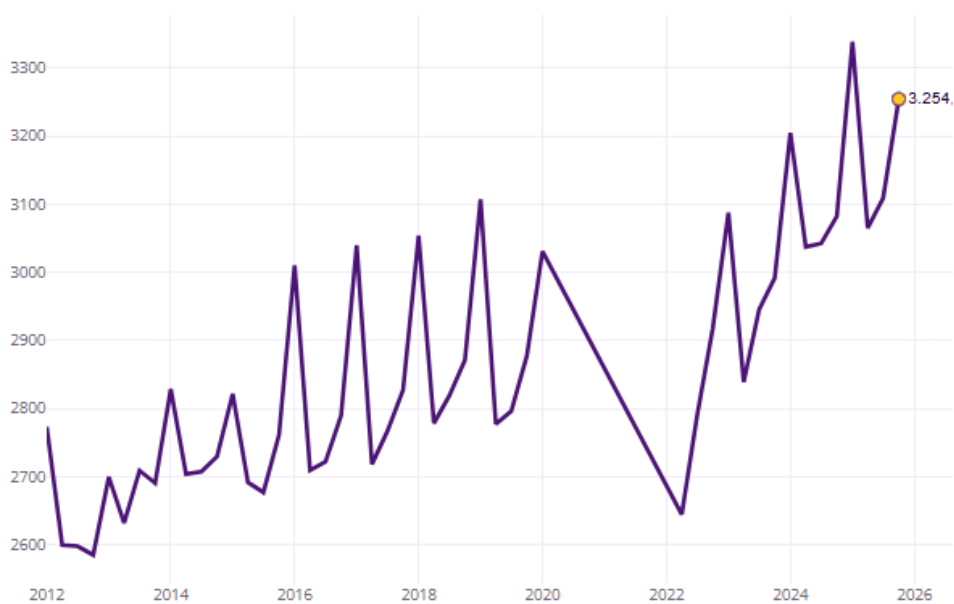


Fonte: IPEADATA | Elaboração: RISO

Do ponto de vista econômico e social, esse resultado possui grande relevância. O aumento da participação feminina no mercado de trabalho amplia a utilização da força de trabalho, fortalece a geração de renda e reduz a dependência. Em economias marcadas por desigualdades persistentes esse movimento representa um mecanismo de ampliação de autonomia e expansão das oportunidades sociais.

A evolução do rendimento médio real reforça essa leitura positiva. O rendimento efetivo de todos os trabalhos alcançou R\$ 3.466,27 em dezembro de 2025, registrando crescimento de 5,80% em relação ao ano anterior e atingindo o maior valor de toda a série apresentada. A trajetória recente mostra uma aceleração importante dos rendimentos após 2022, interrompendo um período de relativa estagnação observado anteriormente. Para as mulheres o rendimento médio, ao final de 2025, estava em aproximadamente R\$ 3.254.

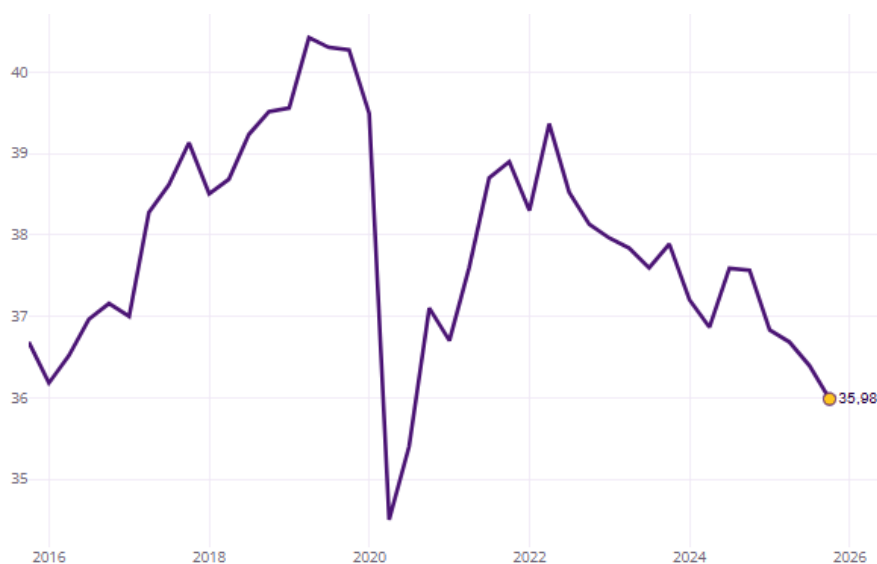
Rendimento médio real todos trabalhos - mulher (IBGE/Pnad Contínua)



Fonte: IBGE-PNAD | Elaboração: RISO

O quarto indicador analisado é o de informalidade segmentado por gênero feminina para completar essa interpretação. A taxa atingiu 35,98% em dezembro de 2025, com redução de 4,21% em relação ao ano anterior, alcançando um dos menores níveis da série. O movimento de queda é relativamente consistente desde 2022 e ocorre após um período de maior volatilidade observado entre 2020 e 2021.

Informalidade - mulher



Fonte: IBGE-PNAD | Elaboração: RISO

A queda da informalidade sugere que parte do crescimento da ocupação feminina está ocorrendo em vínculos mais protegidos e potencialmente mais estáveis. Em termos sociais, isso tende a significar maior acesso a direitos trabalhistas, proteção previdenciária, estabilidade de renda e menor exposição a choques econômicos. A análise integrada dos indicadores revela um aspecto central: educação, ocupação e qualidade do emprego estão avançando na mesma direção. O crescimento da participação feminina em cursos técnicos ocorre paralelamente à ampliação da ocupação e à redução da informalidade.

Entretanto, os dados também apontam limites importantes. Em primeiro lugar, a participação em cursos técnicos permanece relativamente baixa, situando-se em torno de 8,7% dos estudantes do ensino médio. Isso significa que, apesar dos avanços, a formação técnica ainda alcança uma parcela restrita dos jovens. Em segundo lugar, mesmo com a redução recente, a informalidade feminina permanece elevada, atingindo praticamente 36% das ocupadas. Isso indica que uma parcela significativa das mulheres continua inserida em atividades marcadas por menor proteção social e maior instabilidade econômica.

Ao mesmo tempo, os dados mostram que avanços quantitativos não eliminam automaticamente as barreiras estruturais. A persistência de níveis elevados de informalidade e a ainda limitada abrangência da educação técnica indicam que parte importante do potencial econômico feminino permanece subutilizada. O principal desafio está na elevada taxa de informalidade educação técnica ainda alcança uma parcela limitada dos estudantes. Assim, os resultados sugerem a necessidade de fortalecer políticas integradas de educação técnica, qualificação profissional e inserção laboral junto de iniciativas voltadas à ampliação de oportunidades profissionais para mulheres.